

- Interfaces da Educação.** Salvador: UFBA; Programa de Pós-Graduação e Pesquisa/FACED, 1998.
- MARCELINO, N. C. **Pedagogia da animação.** Campinas, SP: Papirus, 1990.
- PORTO, B. S. (Org.) **Ludicidade: o que é mesmo isso?** Salvador: UFBA; FACED; PPGE; CEPPEL, 2002.
- RETONDAR, J. J. M. **Teoria do jogo.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.
- Revista da FAEEBA:** Educação e contemporaneidade. Educação, arte e ludicidade. V. 15, n. 25, p. 157-162, jan./jun. 2006, UNEB, Salvador.
- SCHILLER, F. **A educação estética do homem.** São Paulo: Iluminuras, 1989.

'CABOS VERDES' QUE NÃO SÃO VERDE E GARRAFAS D'LUZ QUE TÊM ÁGUA:

ENTRE UM PAÍS E UM PROJECTO*

CAPE VERDE SETBACKS: BETWEEN A PLACE AND A PROJECT

CONTRARIEDADES DE CABO VERDE: ENTRE UN LUGAR Y UN PROYECTO

Arq.^a Inês Alves ¹
Arq.^a Lara Plácido²
Bruno Kenny³
Danilo do Rosário³
Elaine de Pina³
Grace Ribeiro³
Katya Modesto⁴
Stephanie Fortes³
Willy dos Santos ³

RESUMO: O projecto Garrafa d'Luz surge como ponto de partida para uma reflexão sobre o lugar de Cabo Verde no mundo e sobre a forma como tem descoberto o seu caminho desde a sua independência. São pensadas as questões de sustentabilidade deste território insular, passando pelo turismo e pelo problema da habitação, focando sobre os principais intervenientes de um país em crescimento: a sua população. Após uma breve reflexão sobre os seus últimos 40 anos de história, é apresentado e explorado o projecto Garrafa d'Luz, solução essa que se tem centrado na intervenção pontual ao nível da iluminação diurna de casas de lata nas periferias do Mindelo, Ilha de São Vicente.

Palavras-chave: Periferia, Habitação, Casa Lata, Iluminação, Reutilização.

RESUMEN: El proyecto Garrafa d'Luz surge como punto de partida para una reflexión sobre el lugar de Cabo Verde en el mundo y sobre la forma como ha descubierto su camino desde su independencia. Son pensadas las cuestiones de sustentabilidad de este territorio insular, pasando por el turismo y por el problema de la habitación, enfocando sobre los principales intervenientes de un país en crecimiento: su población. Después de una breve reflexión sobre sus últimos 40 años de historia, es presentado y explorado el proyecto Garrafa d'Luz, solución esa que se ha centrado en la intervención puntual al nivel de la iluminación diurna de casas de chapa en las periferias del Mindelo, Isla de São Vicente.

Palabras clave: Periferia, Habitación, Casa de chapa, Iluminación, Reutilización.

ABSTRACT: The Garrafa d'Luz project had begun as a starting point to reflect about the place of Cape Verde in the world, mostly after the independence. This paper is about the sustainability of this insular territory, mentioning the tourism and the problem of the habitation, focusing on the main actors of a country which is growing: the population. After a briefly reflection on the last 40 years of its story, it is presented and explored the Garrafa d'Luz project, a solution for lighting homes during the day which is being implemented on shantytowns in the peripheral areas of the city of Mindelo, São Vicente island.

Keywords: Peripheral Areas, habitation, shantytowns, lighting, reutilization

* Este artigo não segue o acordo ortográfico da Língua Portuguesa de 1990.

¹ Inês Alves (Porto, 1983) vive no Mindelo - Cabo Verde, desde Setembro de 2015. Licenciada em Arquitectura (ESAP, 2008), Mestre em Arte e Design para o Espaço Público (FBAUP, 2011) e Doutora em Educação Artística (FBAUP, 2015) lecciona projecto nos cursos de Arquitectura e de Design no M_EIA (Instituto Superior de Arte, Tecnologia e Cultura). Nos últimos anos, tem alimentado a paixão pela escrita, publicando diversos artigos e apresentando o seu trabalho em vários encontros internacionais. inesteixeiraalves@gmail.com

² Lara Plácido nasceu no Porto em 1978. Exerce arquitectura desde 2003 em projectos nacionais e internacionais. O seu trabalho tem sido frequentemente publicado e exposto em diversas bienais de arquitectura (Londres, Barcelona, Quito, São Paulo). Coordenadora do projecto Casalata - Projecto de Habitação Social, Educação Urbana e Ambiental, desde 2011. Docente no M_EIA (Instituto Superior de Arte, Tecnologia e Cultura) nos cursos de Arquitectura e Construção Civil Sustentável. laraplacido@hotmail.com

³ Discentes dos cursos de Arquitectura

⁴ Discente de Design

A REALIDADE, DE FORA PARA DENTRO

Com mais de 40 anos de independência, o país africano que mais se tem destacado pela sua aproximação aos Objectivos do Milénio⁵, tem investido em força na potenciação do turismo.

Os recursos naturais, aparte do sol e do vento, escasseiam. Por outro lado, as paisagens naturais de praia e de montanha têm sido a moeda de troca apresentada no momento de escolha das férias, nomeadamente por parte dos europeus.

Em 1975, aquando da independência, Cabo Verde pertenceria ao grupo dos Países Menos Avançados. Estudos realizados nesse período pelo Banco Mundial apontariam a fragilidade de Cabo Verde em assumir uma posição de auto-sustentabilidade. Devido a esse aspecto, no ano de 1977, assinavam-se acordos de cooperação com a Organização Mundial de Saúde, bem como com a Comunidade Económica dos Estados da África Ocidental. Também nesse ano, Cabo Verde desligava a sua moeda da moeda portuguesa, dando origem ao Escudo Cabo-verdiano.

Cabo Verde foi considerado pela primeira vez elegível para sair do grupo de Países Menos Avançados em 1997. Este processo foi, no entanto, negado em 2000 devido à sua alta vulnerabilidade económica e dependência das contribuições feitas pela sua comunidade emigrante. A verdade é que a comunidade emigrante tem um peso de tal forma expressivo que vulgarmente se conhece a diáspora como a 11^a ilha de Cabo Verde⁶. O processo de saída do país do grupo dos Países Menos Avançados efectiva-se, finalmente, em 2008.

Para além da fragilidade económica, também a falta de recursos naturais, nomeadamente a escassez de água, combinada com a falta de qualidade de solo onde “apenas um décimo da superfície do arquipélago é arável”⁷, seriam evidentes na fraca consideração quanto à prosperidade e subsistência de Cabo Verde.

Apesar deste aspecto, este território insular tem-se conseguido aproximar dos Objectivos do Milénio, mantendo-se até 2015 como **case study**⁸ da África Subsariana. Em entrevista à agência Lusa, a coordenadora residente do Sistema das Nações Unidas em Cabo Verde, Ulrika Richardson-Golinski afirmava que Cabo Verde está no ‘bom caminho’⁹, no que toca a todos os Objectivos do Milénio.

Este aspecto, a par de questões de segurança, têm sido ultimamente explorados pelas iniciativas governamentais no impulso ao turismo. Os atentados dos últimos anos na Europa, bem como o clima de instabilidade política em países africanos usualmente escolhidos como destinos de

⁵ No final do século XX, a ONU definiu oito objectivos para o novo milénio: 1) Reduzir a pobreza extrema e a fome; 2) Alcançar o ensino primário universal; 3) Promover a igualdade de género e o empoderamento das mulheres; 4) Reduzir a mortalidade infantil; 5) Melhorar a saúde materna; 6) Combater o VIH/SIDA, a malária e outras doenças; 7) Garantir a sustentabilidade ambiental e 8) Criar uma parceria mundial para o desenvolvimento.

⁶ <https://www.publico.pt/mundo/noticia/o-pais-que-tem-mais-gente-fora-do-que-dentro-1700904>

⁷ Relatório de Informação ao Secretário-Geral das Nações Unidas sobre o processo da Saída de Cabo Verde da Categoria dos PMA (p.3)

⁸ Afirmações tidas pelas coordenadoras da ONU Ulrika Golinski, em 2015, e pela sua antecessora Petra Lantz, in <http://anacao.cv/2015/07/19/cabo-verde-esta-de-parabens-no-cumprimento-dos-objetivos-do-milenio-onu/>

⁹ “Se falamos de um balanço global, é muito positivo. Há grandes avanços – mais nalgumas áreas e menos noutras –, mas, globalmente, pode dizer-se que Cabo Verde tem feito um progresso em todos os objectivos e em todas as metas que têm pertinência para o país”, dizia Ulrika Golinski à agência Lusa. in <http://anacao.cv/2015/07/19/cabo-verde-esta-de-parabens-no-cumprimento-dos-objetivos-do-milenio-onu/>

férias - como é o caso do Egipto e da Tunísia - tem ajudado a solidificar uma imagem de um país seguro a vários níveis. Em Março deste ano, o jornal alemão **Berliner Zeitung** elegia Cabo Verde como o país mais seguro para se viajar em 2016¹⁰.

Outros rankings têm sido explorados por diversas entidades internacionais. Também este ano a AfroBarometer apontava este país como sendo o mais tolerante de África¹¹. No ano de 2015, a ONG **Ethical Traveler** referia Cabo Verde como o destino turístico mais ético do mundo desse ano¹². Ainda no mesmo ano, a ONG **Transparency Internacional**, publicou os dados de 2015 referente ao índice de “percepção da corrupção”, destacando Cabo Verde como o segundo país mais transparente do continente¹³. Antes disso, em 2011, a Fundação Mo Ibrahim declarava Cabo Verde como o segundo país africano mais bem governado¹⁴.

Todos estes aspectos tem sido explorados e potenciados por novas campanhas turísticas levadas a cabo pelo governo de Cabo Verde, alertando para a segurança social e política que aqui se verifica.

A verdade é que este território tem a capacidade de agradar a diversos tipos de turista, quer este procure um **resort** com praia privada de areia branca, quer se trate de um público mais aventureiro que busque as melhores paisagens de montanha.

A REALIDADE, DE DENTRO PARA FORA

Paralelamente aos movimentos turísticos, os maiores núcleos populacionais de Cabo Verde continuam a crescer. Os movimentos migratórios intensificaram-se nos últimos anos, compostos por indivíduos e famílias que buscam novas oportunidades de vida, o acesso ao trabalho e/ou à educação.

Estas massas têm-se vindo a acumular nas periferias do Mindelo, na Ilha de São Vicente, ou da cidade da Praia, em Santiago, muitas das vezes em bairros de lata sem acesso a rede de esgotos e à electricidade.

Paralelamente ao investimento que tem sido feito por parte do governo no turismo, surgem algumas iniciativas centradas nestas massas deslocalizadas.

Para fazer face ao problema da habitação, em 2009, surgiu o programa Casa Para Todos pela mão do governo cabo-verdiano, elegendo esse como o ‘Ano da Habitação’. À primeira vista assemelhava-se a outras iniciativas governamentais, de outros tempos ou de outros contextos, que buscariam fazer face aos movimentos migratórios de abandono dos territórios rurais e busca pelo acesso ao trabalho. No mesmo ano, surgia o Programa Minha Casa, Minha Vida, no Brasil, em muito semelhante ao programa estabelecido também em Cabo Verde.

O Casa Para Todos tem-se revelado, apesar da sua iniciativa de génese social, como um enorme motivo de endividamento do país e das famílias. Ao contrário de uma renda social, as famílias candidatas têm de contrair dívida na aquisição de casa própria o que, à partida, seria garantia de

¹⁰ <http://asemana.publ.cv/spip.php?article117133&ak=1>

¹¹ <http://www.expressodasilhas.sapo.cv/sociedade/item/48180-homossexualidade-em-africa-cabo-verde-e-o-pais-mais-tolerante-do-continente>

¹² http://ethicaltraveler.org/wp-content/uploads/2014/12/ethical_destinations_2015.pdf

¹³ <http://www.oceannpress.info/cms/Pt/especial/sociedade/41573-cabo-verde-ocupa-o-42-lugar-do-ranking-de-paises-mais-transparentes-do-mundo>

¹⁴ <http://www.nosi.cv/index.php/pt/asd/461-cabo-verde-ocupa-segundo-lugar-no-indice-de-boa-governacao-em-africa>

entrada de receita nos cofres do estado.

À semelhança do programa levado a cabo pelo governo brasileiro, também aqui se observa a existência de uma avaliação segundo três escalões de rendimento. Um dos grandes factores de fracasso deste programa prende-se com o actual endividamento da classe média da população cabo-verdiana – correspondente ao escalão intermédio – que não consegue contrair empréstimo junto da banca, ou que vê as simulações de empréstimo ascender, frequentemente, aos 9 mil contos¹⁵. Estes valores verificam-se para famílias cujos rendimentos se enquadram entre os 40 e os 100 contos.

O aspecto mais crítico na realização deste programa consiste, desde logo, neste factor. Acima do escalão intermédio existe, ainda, um outro para rendimentos situados entre os 100 e os 180 contos. A situação agrava-se se tivermos em linha de conta a afixação do ordenado mínimo nacional em 11 contos, no ano de 2014¹⁶.

O problema da habitação é uma questão central no país. Desmontando esta estratégia de abordagem, a verdade é que estão a ser tidos em consideração três escalões, dos quais dois deles se centram em rendimentos entre os 40 e os 180 contos, quando a grande maioria das famílias com carência no acesso à habitação se centra evidentemente na 1/3 parte a ser considerada.

Este aspecto leva a que, ainda hoje, grande parte das casas concluídas se encontrem, ainda, vazias. Se, por um lado, a grande maioria das famílias não possui um rendimento suficiente que faça face aos custos envolvidos com a aquisição de uma habitação promovida com este programa, por outro, famílias com um nível de vida que poderiam estar interessadas na compra de uma unidade habitacional, prefere permanecer mais próximo dos grandes núcleos urbanos e adquirir habitações com melhores condições¹⁷.

Um outro aspecto fundamental que veio fragilizar, não só a população carente, mas o país em geral, prende-se com os financiamentos internacionais conseguidos para a realização desses empreendimentos. Numa notícia saída no mês de Maio do presente ano¹⁸ era referida uma dívida que ascendera aos 20 milhões de euros em juros aos empreiteiros deste programa.

A identificação do problema da habitação foi central no governo que levou em diante esta iniciativa, no entanto, a forma como todo o processo foi conduzido é que parece pouco ponderada.

A criação de grandes estruturas habitacionais nas periferias dos grandes núcleos urbanos – isolados no acesso aos serviços, à vizinhança conhecida e aos espaços públicos de maior dignidade – com poucas qualidades na sua apreciação espacial e com custos demasiado avultados para a população que inicialmente instigaria o investimento neste mesmo propósito tornou-se, no seu conjunto, um peso morto para o país. Se parte das habitações não foi entregue por impossibilidade das famílias em as pagar, outra parte não interessa a quem procura habitações de melhor qualidade.

A questão da habitação permanece como problema que pesa, sobretudo, sob ponto de vista humano. A falta de acesso às condições mínimas de habitabilidade (questão presente na constituição, aliás), é um factor bem evidente em torno das grandes cidades do território cabo-verdiano,

¹⁵ <http://www.asemana.publ.cv/spip.php?article101076>

¹⁶ <http://www.expressodasilhas.sapo.cv/economia/item/41346-salario-minimo-e-uma-realidade-a-partir-de-hoje>

¹⁷ <http://www.asemana.publ.cv/spip.php?article101076>

¹⁸ <http://www.expressodasilhas.sapo.cv/economia/item/48624-casa-para-todos-deve-20-milhoes-de-euros-aos-empreiteiros>

nomeadamente no Mindelo, com a consolidação de bairros de lata de génese ilegal. Nesses territórios, é comum a existência de casas construídas em tambor, sem acesso à rede eléctrica e de esgotos.

Grande parte dessas famílias que aí habitam são numerosas e não cumprem os requisitos mínimos para concorrer a uma habitação do programa Casa Para Todos. Mesmo que saíssem do processo seleccionadas para uma dessas habitações não conseguiriam manter um empréstimo com ordenados que, na maioria das vezes, não chegam a cumprir a meta do ordenado mínimo afixado por lei.

CONTRIBUTO & VONTADE

Sensibilizados para as questões humanas e sociais despertadas pela convivência e aproximação com territórios periféricos como Alto de Bomba, no Monte Sossego (Ilha de São Vicente), é destacada uma equipa interdisciplinar de alunos de Arquitectura e Design que se propunha a replicar uma solução para a iluminação diurna de casas de lata.

Já em 2002, no Brasil, Alfredo Moser encontrava a solução perfeita para a iluminação da sua oficina durante o dia sem que, com isso, fossem acrescentados gastos adicionais à sua factura de electricidade. Surgia assim o conceito da Garrafa d’Luz.

Em termos práticos, esta solução consistia na perfuração da cobertura do edifício e posterior colocação de uma garrafa de 1,5L de água (+ lixívia) nesse mesmo ponto. A garrafa ficaria semi-enterrada na cobertura captando a luz diurna do exterior e amplificando-a, com a ajuda da água, para o interior. O resultado obtido seria equivalente a uma lâmpada de 55 watts.

Tendo em conta o contexto de Cabo Verde, este projecto seria sustentado não só pela poupança de electricidade, bem como pelo impacto dos resíduos sólidos urbanos no território.



Figura 1. Imagem captada no momento da primeira implementação, na Canelona. (Grace Aline, 2016)

As casas de lata seriam o primeiro foco de implementação do projecto pela facilidade de corte da cobertura e instalação da garrafa.

Várias motivações estariam na base da consolidação deste projecto.

Por um lado, seria conseguida uma notável redução da factura da electricidade, nos casos das habitações que possuiriam instalação eléctrica. Para as habitações que não teriam ainda acesso à rede, essa seria uma solução eficaz no que toca à iluminação diurna das casas de tambor.

Como se sabe, São Vicente é marcado por um vento forte constante que motiva os seus habitantes a manter as suas casas fechadas ao longo de todo o dia, evitando assim a entrada de poeiras. Alguns têm sido, também, os casos de acidentes com velas no interior de casas. Com a Garrafa d’Luz, para além de podermos reduzir facturas ou iluminar eficazmente os espaços, podemos ainda assumir que se tratar de um método seguro.

Por outro lado, uma segunda motivação para este projecto foi uma preocupação ambiental com a abundância de plásticos pelas praias e oceanos, um pouco por todo o mundo.

Estamos a ser bombardeados, diariamente, com os problemas da presença massiva do plástico nos oceanos. No passado dia 19 de Janeiro deste ano, o jornal *The Guardian*¹⁹ lançou a notícia de que, em 2050 haverá mais plástico do que peixe nos oceanos. A falta de tratamento adequado dos resíduos sólidos é uma preocupação, a par de uma consciência global que seja responsável pela criação de novos hábitos de vida. Sabemos que o projecto Garrafa d’Luz não será a solução para o combate ao lixo nos oceanos a um nível global, mas pretendemos deixar um testemunho e um impulso ao reaproveitamento e reciclagem de materiais, à partida esgotados na sua função.

CONTRIBUTO & ACÇÃO

A primeira implementação do projecto Garrafa d’Luz decorreu em meados de Janeiro do presente ano, na Casa Lata²⁰ no Monte da Canelona, em Chã de Alecrim.

Com essa primeira implementação, pretendeu-se testar a solução numa construção real na qual se pudesse, por um lado, colocar em prática a sua dimensão técnica e construtiva e, por outro, averiguar a pequeno/médio prazo o impacto da Garrafa d’Luz na factura da electricidade.

O proprietário da Casa Lata, numa visita no final de Março referia-nos a sua satisfação ao ter observado uma redução de cerca de 50% na sua factura da electricidade, tendo descido dos 3000\$00 para 1500\$00.

Nos meses seguintes foi feita uma operação de sensibilização junto da população do Monte da Canelona, com a entrega de **flyers** e fixação de pequenos cartazes²¹. Optamos por alargar o projecto a essa zona pela proximidade com a implementação pioneira, permitindo que os moradores de outras habitações pudessem contactar directamente com essa primeira instalação, se assim o pretendessem.

Paralelamente, foi feita ainda uma divulgação do projecto junto da população de Alto de

¹⁹ <http://www.theguardian.com/business/2016/jan/19/more-plastic-than-fish-in-the-sea-by-2050-warns-ellen-macarthur>

²⁰ Casa feita em tambor, localizada no Monte da Canelona, em Chã de Alecrim, abordada na curta metragem ‘Casa Lata’ (2011) – <http://casalata-projecto.blogspot.pt>.

²¹ Onde se divulga também a notícia sobre este projecto, saída no jornal *A Nação* (nº 446, de 17 a 23 de Março) com o título “Garrafa d’Luz como alternativa para electricidade em casas de lata” (pág. A22).

Bomba, no Monte Sossego. Numa terceira fase, procuraremos sensibilizar a população de Ilha de Madeira, Ribeira Bote e, posteriormente, outros assentamentos informais espalhados um pouco por toda a periferia mindelense.

Juntamente com o movimento de sensibilização, foi desenvolvido um mapeamento exacto da localização e características das habitações interessadas na implementação da Garrafa d’Luz. Esse mapeamento, constituído por uma ficha identificativa de cada habitação - bem como sua localização exacta e fotografias da sua situação interior e exterior - servirá como base de dados do trabalho desenvolvido e permitirá saber a evolução temporal da implementação do projecto. Nesta fase do projecto, foram já colocadas 8 garrafas na Canelona e 5 em Alto de Bomba.

Com o avançar dos trabalhos, afinamos a técnica de instalação, que é sempre precedida de uma fase de prototipagem. Através da colocação prévia da garrafa numa superfície metálica (que por norma consiste em material retirado de latas de leite) e posterior selagem, conseguimos que o corte da cobertura das habitações seja mais imediato e espontâneo. Recorrendo a este método, a própria selagem com silicone torna-se também ela mais eficaz, passando a funcionar numa superfície que se estende ao longo de toda a chapa metálica em contacto com a cobertura, permitindo assim uma selagem interior e exterior. Este aspecto é fundamental, uma vez que actuamos num território onde o sol é intenso todo o ano o que, à partida, propiciará um possível deteriorar mais acelerado do silicone. Deste modo, trabalhamos com um conjunto de três camadas generosas de silicone, uma aplicada aquando da prototipagem e duas outras feitas *in loco*: uma exterior aproveitando os pontos de contacto proporcionados entre as chapas do protótipo e da cobertura, e uma interior que encerra o processo de selagem.



Figura 2. Processo de construção do protótipo: abertura e alisamento da lata, furação da chapa e selagem. (Grace Aline, 2016)

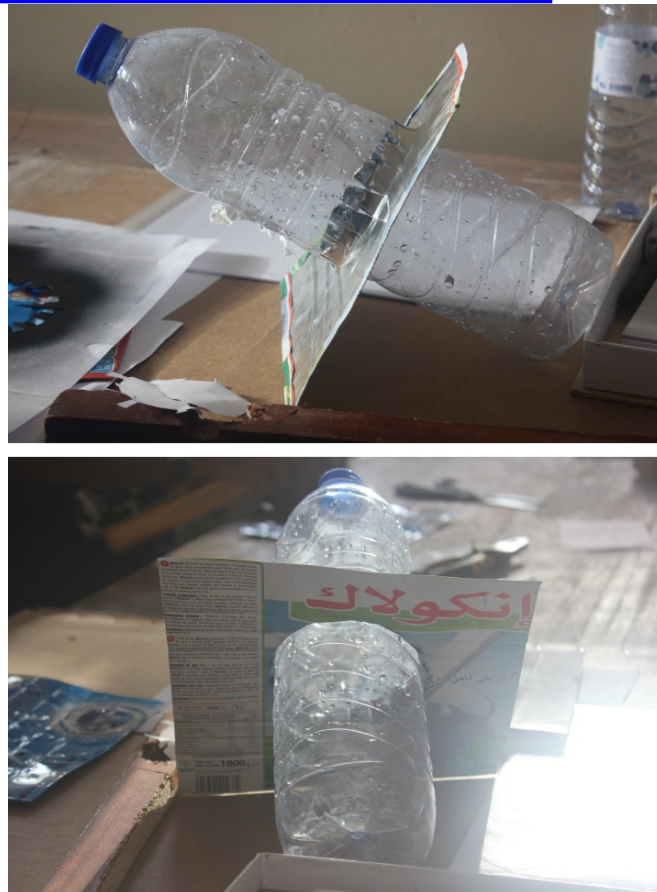


Figura 3. Protótipo finalizado. (Grace Aline, 2016)

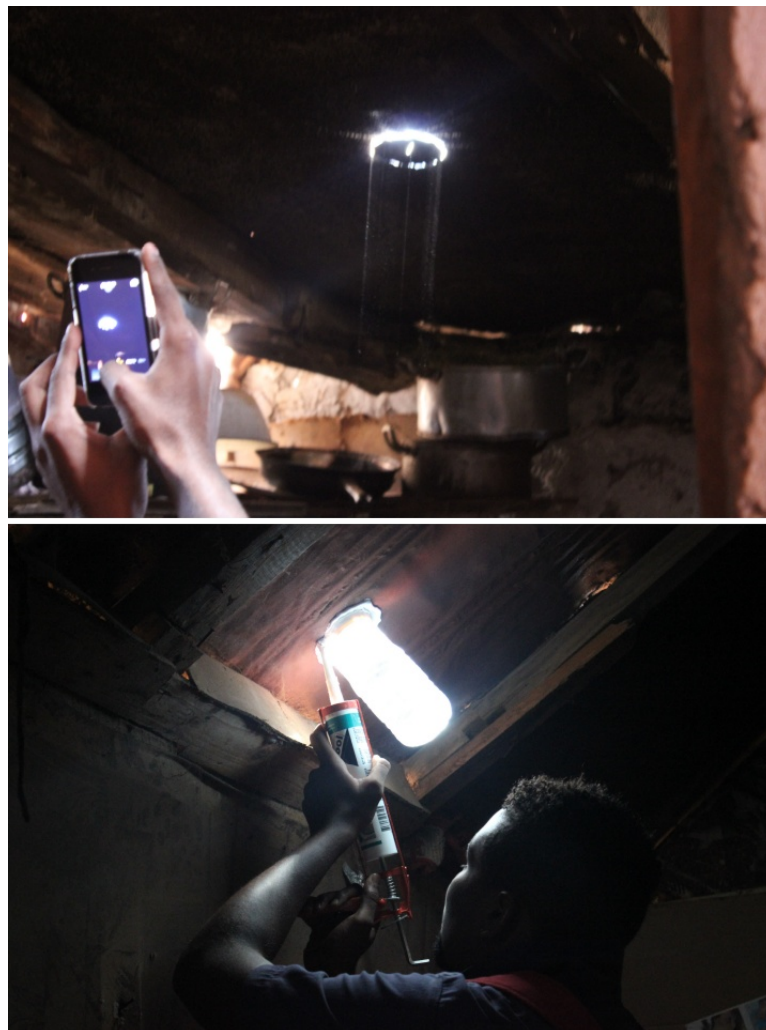


Figura 4. Processo de implementação: escolha do local; corte da chapa da cobertura; posicionamento do protótipo e selagem (exterior e interior). (Grace Aline, 2016)

NOTAS CONCLUSIVAS

Fazer a diferença pode constituir um acto mínimo e subtil. Com as instalações que temos realizado frequentemente nos apercebemos da satisfação com que as pessoas nos recebem e do espanto com que reagem quando finalmente posicionamos cada garrafa.

O benefício é directo. Muitas das vezes é a diferença entre ter de cozinhar às escuras ou poder ter uma cozinha iluminada.

Com este projecto temos conseguido contribuir para a dignificação da qualidade de vida das pessoas que, à partida, se encontrarão à margem (da cidade, das condições de vida, da sociedade, ...) sem que, com isso, necessitem ser deslocadas das suas casas e da sua vizinhança. Pequenas intervenções como esta permite-nos resgatar do esquecimento algumas dessas famílias, através de um sistema que lhes permite ter luz diurna nas suas habitações sem que isso implique o pagamento de facturas de electricidade no final do mês. A ausência de custos para o utilizador foi, desde sempre, central.

Com este artigo pretendeu-se traçar o perfil (actual e real) de Cabo Verde, sem grandes ilusões ou pressupostos relativamente à sua população mais desfavorecida. Pretendeu-se ainda focar sobre a possibilidade de realização de projectos a uma micro escala que façam a diferença, em detrimento de movimentos de fundo, demasiado ambiciosos para que se efectivem com sucesso num curto espaço de tempo (e perante uma conjuntura global que não é a melhor).

Para a realização deste projecto tornou-se essencial o uso do bom senso e de uma sensibilidade particular, por parte de toda a equipa de trabalho, o que nos permitiu ver com clareza as possibilidades práticas e imediatas, ainda que subtis, dessa acção, tdirecto e específico à habitação. Posteriormente esperamos que tenha um efeito de contágio. Ou seja, é esperado que por proximidade



Figura 5. Os espaços de cozinha com a Garrafa d’Luz. (Grace Aline, 2016)

e conhecimento desta solução, também outras famílias venham a considerar a introdução desse sistema nas suas casas. De futuro esperamos, ainda, que essa solução se banalize e que os próprios habitantes possam instalar nas suas habitações esse sistema sem que, para isso, necessitem estar dependentes de orientação e apoio de terceiros. Para que tal situação se proporcione, contamos promover alguns momentos expositivos junto de outras comunidades periféricas do território cabo-verdiano.

Fugimos de uma conotação social para as acções que temos vindo a assumir. Preferimo-nos centrar directamente no individual e na unidade familiar enquanto contributo

Acreditamos que o país tem aspectos culturais e paisagísticos que poderão legitimamente ser potenciados através de acções ligadas ao turismo. No entanto, consideramos também essencial que as suas comunidades mais vulneráveis não deverão ser negligenciadas em prol desses mesmos movimentos turísticos.

Mais do que o turismo ser uma prioridade, somos pelas suas gentes e pelas suas condições mínimas de vida. E a habitação é, sem sombra de dúvidas, um problema central de Cabo Verde. Talvez o maior. Como vimos, através de iniciativas de grande investimento como o programa Casa Para Todos, os governos têm mostrado ter presente esta situação de carência relativamente à habitação em Cabo Verde. No entanto, a forma como os processos de selecção e atribuição das casas têm decorrido, tem-se revelado uma barreira intransponível para quem, efectivamente, mais necessita. A questão é sensível mas, mais do que isso, é necessário ter sensibilidade quando lidamos com questões tão específicas e particulares.

Na prática, em dois dias, implementamos 12 garrafas. Evidentemente, existiu um trabalho prévio de aproximação à população, de levantamento específico da situação actual de cada uma das habitações, no entanto, constatamos ser extremamente simples fazer a diferença e ver nas faces de cada um dos seus habitantes, um olhar de esperança.

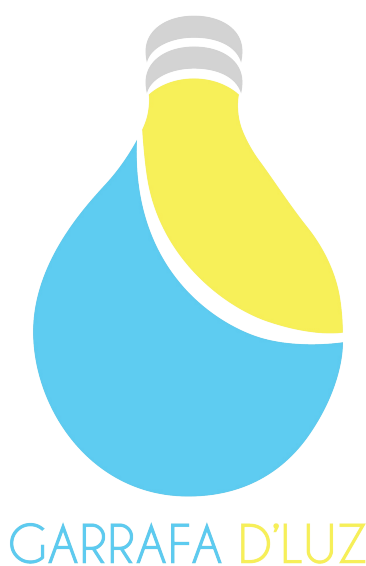


Figura 6: Marca do projecto

REFERÊNCIAS

- BORGES, Moisés. MORAIS, Luísa. (2012) **Cabo Verde no Contexto do Desenvolvimento Sustentável: Relatório à conferência Rio+20**. Sal: Sistema das Nações Unidas em Cabo Verde
- CORREIA, Yolanda (coord.) (2010) **BAD e Cabo Verde: Construindo juntos uma África melhor**. Senegal: Banco Africano de Desenvolvimento
- PIRES, Ana. (2010) **Adesão de Cabo Verde à Organização Mundial do Comércio: Problemas, desafios e perspectivas**. São Vicente: Instituto Superior de Ciências Económicas e Empresariais
- ROSA, Quiara. (2014) **Cabo Verde: Das políticas públicas aos Objectivos do Milénio**. Lisboa: Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas
- Relatório ODM Cabo Verde 2015: Dados referentes ao ano 2014**. Cidade da Praia
- Estratégia de Cooperação da Organização Mundial de Saúde com os Países 2008-2013**. Organização Mundial de Saúde Africana
- Relatório de Informação ao Secretário-Geral das Nações Unidas sobre o processo da Saída de Cabo Verde da Categoria dos PMA (2007)**. República de Cabo Verde
- <http://anacao.cv/2015/07/19/cabo-verde-esta-de-parabens-no-cumprimento-dos-objetivos-do-milenio-onu/>
- <http://asemana.publ.cv/spip.php?article117133&ak=1>
- <http://www.asemana.publ.cv/spip.php?article101076>
- <http://www.asemana.publ.cv/spip.php?article101076>
- http://ethicaltraveler.org/wp-content/uploads/2014/12/ethical_destinations_2015.pdf
- <http://www.expressodasilhas.sapo.cv/sociedade/item/48180-homossexualidade-em-africa-cabo-verde-e-o-pais-mais-tolerante-do-continente>
- <http://www.expressodasilhas.sapo.cv/economia/item/41346-salario-minimo-e-uma-realidade-a-partir-de-hoje>
- <http://www.expressodasilhas.sapo.cv/economia/item/48624-casa-para-todos-deve-20-milhoes-de-euros-aos-empregados>
- <http://www.nosi.cv/index.php/pt/asd/461-cabo-verde-ocupa-segundo-lugar-no-indice-de-boa-governacao-em-africa>
- <http://www.oceanpress.info/cms/Pt/especial/sociedade/41573-cabo-verde-ocupa-o-42-lugar-do-ranking-de-paises-mais-transparentes-do-mundo>
- <https://www.publico.pt/mundo/noticia/o-pais-que-tem-mais-gente-fora-do-que-dentro-1700904>
- <http://www.theguardian.com/business/2016/jan/19/more-plastic-than-fish-in-the-sea-by-2050-warns-ellen-macarthur>

